



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10796 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 13 - Educação de Jovens e Adultos

A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA EJA DE FLORIANÓPOLIS COMO POSSIBILIDADE PARA PRÁTICAS LIBERTÁRIAS

Bruno Simões Friestino - UDESC - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA EJA DE FLORIANÓPOLIS COMO POSSIBILIDADE PARA PRÁTICAS LIBERTÁRIAS

Esse trabalho tenta contribuir com o fortalecimento de uma práxis interna à Educação de Jovens e Adultos. Apresenta uma reflexão entrelaçada com um relato de experiência de um educador de orientação anarquista atuando dentro da escola pública. Nos períodos entre 2011 e 2014 e entre 2018 e 2020 atuei como professor e coordenador de núcleos na EJA da Rede Municipal de Florianópolis, experimentando e estimulando um trabalho que fizesse contraposição à escolarização tradicional. Uma forma de fazer que busca, ao mesmo tempo, fortalecer o vínculo e a organização coletiva, assim como valorizar e empoderar a individualidade e as identidades das pessoas envolvidas com sua diversidade, e, ainda assim, contribuir para uma transformação nas relações sociais e nas concepções de escola e conhecimento. Com boa parte da minha vida dedicada à educação popular, inúmeras práticas e experiências ajudaram comprovar que o conhecimento construído na vida, nas vivências de trabalho, de rua, se constituiu no meu maior propósito educacional. É um grande desafio promover uma prática educativa que visa valorizar, capacitar, organizar e elevar ao protagonismo esse conhecimento popular, pois tenta fazê-la fluir dentro da estrutura dura da escola burocrática e disciplinar. Para tanto, é essencial ir materializando essa proposta de educação de maneira pontual e gradual, mas com objetivos bem definidos, ações concretas e projetos constantes que ponham em prática esse compromisso assumido, capacitando, assim, a práxis deste grande potencial pedagógico. O presente relato intenciona, assim, promover uma reflexão sobre possibilidades e limites de uma ação transformadora dentro de uma instituição já corrompida por princípio, já que a educação estatal materializa os interesses e a organização social que faz a manutenção da desigualdade e injustiça do sistema capitalista. A essencial incoerência entre pedagogia libertária e governo pode de certa maneira ser

ressignificada quando passamos a encarar essa educação como pertencente não só à classe trabalhadora, mas também dentro de uma concepção de *público* como o bem comum, sequestrado pelos Estados e transformados da categoria de *direitos* em *prestação de serviços*. Seria possível problematizar essas possibilidades de uma certa resistência atuando dentro do mecanismo dominado, do instituído, não como uma inocente pretensão de se *mudar o sistema por dentro*, mas sim de encarar essas possibilidades de ação direta, de uma *educação menor* (GALLO, 2003), fazendo um movimento local que se espalhe a dê conta de algum tipo de transformação que não dependa das longínquas revoluções maiores. Como essa educação inspirada em ideais anarquistas pode propor fazeres de resistência dentro do aparato estatal? As brechas abertas pela educação de baixa qualidade oferecida intencionalmente pelo Estado para a população mais vulnerável, também possibilitam ações de enfrentamento. Assim, encaramos esses desafios. A Educação de Jovens e Adultos da PMF de Florianópolis trabalha, desde 2000, com um princípio educativo de pesquisas, iniciadas pelo interesse individual de estudantes em relação aos conteúdos programáticos. Com uma base teórica bastante variada, inspirada em princípios pedagógicos freirianos, de educação indígena, além de autores tanto marxistas quanto pós-modernos, a pedagogia libertária também teve uma contribuição fundamental no desenvolvimento político-pedagógico dessa proposta, como é possível perceber nos textos reunidos no chamado “Caderno de 2008” (FLORIANÓPOLIS, 2008). Assim, apesar de ter oficialmente a escolarização como objetivo principal e estar vinculada a um aparato burocrático que por muitas vezes confunde e dificulta a proposta, esta tem como orientação um trabalho que busca autonomia individual, protagonismo estudantil e autogestão pedagógica. O formato atual da EJA nesse município foi desenvolvido a partir de uma experiência nas *classes de aceleração*, destinadas a diminuir o tempo de estudos no ensino fundamental para adultos e jovens com distorção idade-série, através de uma proposta de estudos que tem como princípio a pedagogia de pesquisas. Pretendendo encontrar uma alternativa ao ensino tradicional e valorizar os contextos de vida dos estudantes, o objetivo era transformar suas experiências em aprendizagens sistematizadas, elaboradas e organizadoras de conhecimentos não escolarizados (OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido, compreende-se que essa prática possibilita que as problematizações dos estudantes sejam relacionadas e aprofundadas em conhecimentos científicos complexos, onde o currículo escolar possa ser diluído e as disciplinas sejam a ponte de diálogo entre a realidade vivida e os conteúdos das pesquisas. As habilidades cognitivas são postas em ação quando o estudante busca e seleciona informações relevantes, desenvolve um olhar crítico sobre seu cotidiano, sua comunidade, os dogmas científicos e expressa suas ideias de forma autoral. Dentro dessa perspectiva, são feitos exercícios de investigação que problematizam o conhecimento e por meio das especificidades de cada área disciplinar, chegam em diferentes interações com seus objetos de estudo, de acordo com os caminhos e questões orientadas pelas expectativas de aprendizagem e a manutenção do interesse de estudo de cada estudante. (ABREU, 2013). A alfabetização na EJA de Florianópolis também é pensada nesse mesmo viés educativo, de valorização dos conhecimentos prévios e ligados às vivências dos estudantes. A partir de 2016, o primeiro segmento (relativo aos anos iniciais do ensino fundamental) passou a trabalhar oficialmente pelo princípio educativo da leitura, sendo citada em documentação pela primeira vez na

Proposta Curricular da Rede de Ensino de Florianópolis do referido ano e ainda tendo uma grande carência de base teórica. Com relação à estrutura logística das unidades de ensino, a EJA é organizada em núcleos espalhados por todas as regiões da cidade, onde cada um deles é basicamente constituído por uma equipe com um coordenador, um auxiliar de ensino, um professor de cada área do conhecimento e um professor alfabetizador. Em alguns núcleos também integram a equipe um auxiliar de serviços gerais e uma cozinheira. O número de profissionais pode variar caso o Núcleo atenda em outros locais (polos) além da unidade principal. Os núcleos e polos não necessariamente se localizam em Unidades Educativas, podendo funcionar em Associações, Centros Comunitários, Bibliotecas ou outros espaços (FLORIANÓPOLIS, 2016). Em 2022 o município conta com 11 Núcleos (FLORIANÓPOLIS, 2022). Essa estrutura de trabalho concebe uma organização coletiva que possibilita o desenvolvimento de alguns preceitos libertários, onde a autonomia e a autogestão comunitária são de grande importância para o desenvolvimento de uma ação local, que possa transformar o entorno, trazendo no seu âmago uma escola ligada com a vida e o trabalho consciente e politizado. Nesse caso, pelo fato de ser uma proposta de educação pública estatal, está sob a influência e controle da nefasta lógica governamental ao mesmo tempo que sob constante ataque neoliberal e da sua educação fundada na sustentação e manutenção da sociedade de classes. Assim é constante a ofensiva que promove apropriações do *bem público* e de termos como *autonomia*, *mediação*, *individualidade*, sequestrados e ressignificados a favor do Capital pela estrutura empresarial, desenvolvida tanto pela iniciativa privada quanto pelo Estado. Durante os vários anos que estive envolvido com a EJA de Florianópolis tive possibilidade de transitar entre um conhecimento sem tantas amarras disciplinares, com investimento no protagonismo estudantil, e com planejamentos e avaliações coletivas. Tal proposta me fortaleceu quanto a esse sentimento de liberdade pedagógica, de experimentar práticas fora do ensino convencional, o que foi se transformando numa prática mais elaborada de mediação e colaboração para construção de uma *comunidade de aprendizagem*, onde todas as pessoas envolvidas se responsabilizam pelo processo educativo (HOOKS, 2017). Existe um processo de amadurecimento dos professores quando se inserem no trabalho desse tipo de EJA, pois chegam com sua formação de especialistas em áreas disciplinares, vindos da formalidade extrema da formação acadêmica, ou já com experiências de docência também bastante tradicionais, onde existe pouca integração nas diferentes áreas. Mesmo que algumas escolas possuam projetos político pedagógicos que favoreçam interação e mobilização de momentos coletivos, a concepção de conhecimento e de procedimentos pedagógicos ainda é fortemente individualizada e baseada nos saberes científicos cristalizados e setorizados, onde a hierarquia do conhecimento define quem se submete a quem. Portanto, quando se enfrenta as primeiras atividades propostas pelos coordenadores de núcleo e a equipe de formação continuada na EJA se torna necessário a quebra de paradigmas para se abrir às formas de organização e às maneiras de lidar com o conhecimento que sempre apresentam desafio ao instituído. Passei por isso de maneira intensa no primeiro ano de trabalho. Neste período, as aulas eram planejadas em reuniões com todos os professores reunidos em duas vezes por semana e as propostas de atividades desafiavam a todos a se desapegarem de suas aulas tradicionais e disciplinares. Como a proposta principal é a produção das pesquisas, o foco das

atividades em sua maior parte se relacionava às etapas das pesquisas, que poderiam ser realizadas de maneira individual ou coletiva, dependendo do momento do trabalho pedagógico. A atuação principal dos professores é a de orientar e apoiar essas produções dos estudantes, encaminhando a problematização dos temas, levantamento de conhecimentos prévios, coleta de informações, produção de textos autorais e apresentação dos resultados da pesquisa. Isso traz uma dificuldade enorme de interação, tanto entre professores, com suas diferentes concepções didáticas, quanto às expectativas da grande diversidade de estudantes. Nesse primeiro ano vivenciei algumas dificuldades para desconstruir minha formação tradicional na licenciatura em geografia. Além das atividades diretamente relacionadas com as pesquisas era de costume a proposição de momentos variados de aprendizagem, seja com oficinas específicas, com questões de matemática, de leitura, produção e interpretação de textos variados, assim como propostas artísticas e de atividades culturais que possam colaborar com o aumento do repertório e com o trânsito pela vivência de maior cidadania. No dia a dia, a negociação e o consenso necessário para se definir as atividades, propostas e as decisões coletivas são muito cansativas, trazendo também à tona as questões de flexibilidade das pessoas envolvidas, sua relação com o poder, a discordância de ideias e a abertura ao questionamento e à crítica. Tudo isso causava bastante estresse entre o grupo de professores e estudantes, que sentiam os reflexos dessa divergência interna da equipe. Após esse primeiro ano difícil e trabalhoso, no segundo ano, no mesmo núcleo, passei a me integrar melhor, entender e defender a proposta e me desenvolver e aprofundar nessa concepção de educação, que já podia perceber como muito próxima das minhas concepções políticas. Assim, me vi atuando com muito mais entusiasmo, comprovando a eficácia da estrutura de trabalho fundada no interesse, tanto dos estudantes quanto dos professores. Nesse ano de 2012, além da produção de pesquisas e dos desdobramentos promovidos por elas, como debates, palestras, apresentações de vídeos, teatro e muitas assembleias, também continuamos investindo na colaboração individual de cada professor para desenvolver atividades de leitura, matemática, atividades corporais e esportivas, musicais, acesso a computadores, entre outras. Apesar das questões problemáticas no ano anterior continuarem existentes, a minha relação com elas evoluiu, passando a não me abalar nem esgotar tanto. Em 2013 e 2014 assumi o trabalho como coordenador de núcleo, levando adiante a maneira de trabalhar que já operava na equipe anterior. Mesmo tendo variação de professores e estudantes a cada ano, várias pessoas continuaram as mesmas. O investimento nos projetos de pesquisa como atividade central continuou trazendo também o avanço positivo em atividades coletivas de maior integração como: a formação de um grupo musical composto por estudantes, professores, a cozinheira da escola e até alguns amigos músicos profissionais. As apresentações desse grupo foram gratificantes e se transformaram em eventos culturais da EJA; no Teatro Álvaro de Carvalho e na formatura coletiva dos núcleos da toda cidade. Nos anos de 2015 a 2017 retornei para a escola em que me efetivei em 2014 para atuar como professor de Geografia de anos finais. Essas experiências com a EJA transformaram minha maneira de conceber educação e meu projeto pedagógico e, mesmo com o planejamento das aulas voltando a ser individualizado e restrito à disciplinaridade. Nesse sentido, experimentei o desafio de trabalhar com muitas turmas, mas tentando instalar um projeto coletivo por conta própria,

fundado também no interesse dos estudantes. Em alguns momentos isso foi possível, em outros muito mais difícil, as vezes até inviável. Mas alguns projetos como campanhas antirracismo, antibullying e construções coletivas de mapas, maquetes, teatro, música, deram a mostra que era possível algo que realmente mobilizasse transformações e caminhasse para uma educação crítica que produzisse autonomia intelectual para os estudantes. Foi nesse perspectiva que passei a propor um projeto mais específico de produção de fanzines que durou todo ano de 2017 e, na sua efetivação percebia-se o sentido de uma pedagogia calcada no interesse dos estudantes e do professor e era viabilizada pela perspectiva das pesquisas. Essa experiência com os fanzines – revistas independentes, com uma estética e intencionalidades bem características – está sendo mais bem detalhada em minha pesquisa de Mestrado. Já em 2018 e 2019, retornei à coordenação de núcleos de EJA e essas experiências anteriores potencializaram minha bagagem pedagógica e a convicção nesse modelo de trabalho, o que não quer dizer que as coisas ficaram mais fáceis. Todo novo ano se forma um novo grupo de professores, estudantes, comunidade, sendo necessário que todo o processo de formação se repita, desde a desconstrução dos padrões de educação tradicionais até o entendimento do funcionamento da EJA e a posterior capacitação e prática de todas as pessoas envolvidas nesse processo. Assim, foram 02 anos de muita insistência e dedicação para tentar aprofundar e capacitar cada vez mais o trabalho focado na pesquisa enquanto articulador do processo educacional. Novamente, além dos ciclos de pesquisa e das atividades complementares envolvidas na produção dos estudantes; se aprofundou também a participação de estudantes e de toda comunidade em processos políticos sociais e da escola, assim como uma participação massiva em eventos culturais, tanto fora da escola, quanto em festivais, encontros e formações coletivas, que envolvessem de maneira mais ampla toda a comunidade. No ano de 2020, a situação pandêmica trouxe toda situação emergencial que passamos, fato que alterou e exigiu mudanças e adaptações em todo plano pedagógico e inclusive nos objetivos educacionais do momento. O caos social e sanitário criou demandas mais urgentes de assistência às necessidades básicas e resolução de condições de vida, do que propriamente um desenvolvimento pedagógico. Por fim, essas diversas situações, fases e transformações ocorridas, tanto na minha vivência e na minha práxis, quanto nos espaços que circulei e contribuí, trouxeram muitos aprendizados e reflexões. Os preceitos libertários em vários pontos dialogam, mesmo que de longe, com a concepção da EJA na medida em que seu objetivo central é a formação de indivíduos livres, conscientes e capazes de uma vida solidária em sociedade, que lutem pela liberdade de todos de forma coletiva. Assim, ambas visam a *autonomia individual*, que é essencialmente social, mas baseada em cada um dos indivíduos que compõem a sociedade, além da *autogestão social*, em que cada pessoa participa ativamente dos destinos políticos da sua comunidade (GALLO, 1995). Estudantes e professores exercitam sua autonomia e promovem sua autoformação quando tomam decisões nos rumos das pesquisas, negociam, dialogam e defendem suas ideias, individualmente ou coletivamente nas assembleias, onde a autogestão se revela, quando as decisões de organização da escola e de questões comunitárias são ali decididas e mediadas. A contraposição crítica ao sistema capitalista aparece no cooperativismo que toma conta das atividades e da organização; se opondo ao individualismo competitivo. Podemos, assim,

inferir aproximações entre as duas concepções de educação aqui consideradas, guardadas, obviamente, as devidas diferenciações e incompatibilidades, entre uma educação popular revolucionária, como a praticada nas escolas anarquistas desde o século XIX e uma educação Estatal. Mesmo no caso de caminhar relativamente à margem da escolarização tradicional, como a EJA se constituiu, ela própria se molda e se adapta de várias maneiras ao sistema capitalista competitivo em que está inserida. Mas apesar das restrições impostas pelas cooptações do sistema capitalista e a instituição Escola, com seus parâmetros, planos e currículos, cada vez fica mais evidente que ações diretas e locais mostram maior efetividade de transformação nas realidades, em um nível de proximidade comunitária. A aparente falta de pretensão de pequenos feitos, podem fazê-los crescer em importância conforme amadurecem sua existência. Uma educação livre e que estimule o crescimento integral das pessoas envolvidas, como seres humanos, não apenas como etapas de formação de trabalhadores autômatos e flexíveis ao sabor dos ventos do mercado.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Pedagogia Libertária. Pesquisa como princípio educativo

REFERÊNCIAS

ABREU, A. C. S. DE. **Concepções e práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos**. Revista Lugares de Educação, v. 3, n. 6, p. 72-89, 2 jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/view/16337> Acesso em: 23/01/2021

FLORIANÓPOLIS. **Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. SME, 2022. Disponível em <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=educacao+de+jovens+e+adultos+++eja> Acesso em: 14/05/2022

FLORIANÓPOLIS. **Estrutura, funcionamento, fundamentação e prática na Educação de Jovens e Adultos/EJA**. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/09_10_2009_13.56.18.b77d1860086e50a43bf Acesso em 16/05/2022.

FLORIANÓPOLIS. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis - 2016** / Organizado por Cláudia Cristina Zanela e Ana Regina Ferreira de Barcelos e Rosângela Machado – Florianópolis: Prefeitura de Florianópolis. Secretaria de Educação, 2016. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=proposta+curricular&menu=11&submenuid=253> Acesso em: 25/10/2021

GALLO, S. **Pedagogia do risco; experiências anarquistas em educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2ª edição, 2017 (tradução Marcelo Cipolla Brandão).

OLIVEIRA, G. M. de. A Pesquisa Como Princípio Educativo: Construção Coletiva De Um Modelo De Trabalho. *In: Estrutura, funcionamento, fundamentação e prática na Educação de Jovens e Adultos/EJA*. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/09_10_2009_13.56.18.b77d1860086e50a43bf
Acesso em: 24/10/2021